

# Não há céu onde voam os aviões?

*Paulo Mortari*

*Dedicado a um migrante caaguaceño (e sua família)*

Houve um tempo em que Javier escutava os aviões lá fora mais alto do que o barulho das máquinas de costura dentro da oficina. Quando deixou de notar o som de pousos e decolagens do Aeroporto de Guarulhos, a poucos quilômetros de distância, cortou para si próprio um pedacinho de tecido no formato de um sete-três-sete e escreveu nele tudo o que sonhava realizar em sua vida, incluindo “voar” (nem que só fosse em sentido literal). Por um mês o aviãozinho ficou estacionado sob um dos pezinhos da máquina de costura que mais operava – uma galoneira –, de modo a estar sempre a pleno alcance da vista. Depois teve que mudar isso.

Às cinco e meia da manhã, recém-saído da cama instalada em um dos cômodos do sobrado em que funcionava a oficina, trocava de roupa, vestia as meias e, antes de calçar os tênis, dobrava o aviãozinho de tecido e o pousava em uma das palmilhas no interior do calçado. Deveria sentir seu pé comprimindo-o ao pisar no irredutível chão, pois disso dependia conseguir encarar a longa jornada laboral que se seguiria. Voltava a tirá-lo do tênis no silêncio próximo das dez da noite, já sentado novamente na cama, acomodando-o, dessa vez, na palma cerrada da mão direita. Deitava-se, virava o corpo de lado com o simulacrinho de avião e seu conteúdo junto ao coração e impunha a mão irredutivelmente cerrada contra o colchão – bem mais maleável este que o chão. Disso dependia o sono. Nenhum descuido com a firmeza da agarra era permitido; do contrário, o ar da oficina, ainda que estático, claustrofóbico, certamente levaria para longe o aviãozinho.

Sempre de asas no pé, passava o dia todo sentado. Nesse aspecto, sua rotina de trabalho era muito diferente daquela que conhecera ainda na infância no Paraguai, em uma pequena fazenda no oriente do país. Quando os raios mais matutinos de sol faziam cintilar as águas desapressadas do *arroyo* que margeava a propriedade, Javier já estava de pé, cuidando dos cultivos do pai. O principal deles era o de algodão, que recebera um substancial investimento como reação otimista ao advento das sementes transgênicas na região. Em alguns anos se avizinhou um latifúndio. Tudo o que se via no lado dele da cerca eram fileiras e mais fileiras de uma só planta, uma imensidão

totalmente monótona em cor, cheiro e forma. Bicho? Raridade, e só de rápida passagem. Gente? Pouquíssima. Quando talaram as árvores mais altas do bosque para ceder área à plantação, sentiu-se como se o céu tivesse perdido sustentação e despencado com sol e tudo sobre as cabeças, de tão quente que a vida imediatamente se tornara. A copa dos poucos arbustos que restaram de nada servia para dar alívio; as motosserras pouparam seus galhos e troncos, mas parecem ter-lhes talado as sombras. Não à toa alguém veio com o apelido de “inferno verde”. No céu daquele inferno, assim como em Guarulhos, também voavam aviões. Menores e incomparavelmente menos habituais, é verdade, mas, por outro lado, bem menos possíveis de não serem notados. Voavam baixo, ademais, o que reforçava a hipótese de que o céu, de fato, despencara. Quando escutavam um desses aviõezinhos levantar voo, Javier e a família toda corriam aflitos para dentro de casa, sabendo que no rastro daquele pássaro estridente e desalmado viria o “banho do diabo”. E se o próprio diabo nessa hora desse um sopro, o banho, a exemplo dos raios ardentes do sol, cobriria o algodão, as águas do *arroyo*, gente, tudo. O esforço de buscar refúgio não evitava que toda vez fortes dores de cabeça, irritação nos olhos e náuseas os acometessem. Os sintomas poderiam se estender por dias; ainda assim, por mais insuportáveis que fossem, eram preferíveis aos efeitos mais silenciosos. Quando estes deixaram de sê-lo no corpo do pai de Javier, o médico do povoado mais próximo, com baixos riscos de equívoco, atribuiu ao “banho do diabo” a parcela decisiva de culpa pelo debilitado estado de saúde daquele homem. O adoecimento, no ocaso de um ano com temperaturas máximas sem precedentes, finalmente o convenceria a aceitar a incansável e implacável oferta do insaciável vizinho latifundiário por suas terras. Vendeu-as por preço bom o suficiente para comprar uma casinha na cidade de Caaguazú, mas não tanto para encaminhar o futuro dos filhos (e o seu próprio) nessa nova dura vida no infértil solo urbano.

Javier migrou a Guarulhos naquele mesmo verão para manter a si mesmo e o pai, e a mãe, e os irmãos. Jamais poderia ter previsto que suas mãos calejadas de empunhar enxada na infância e adolescência terminariam tirando sustento de coisas tão suaves como tecidos para roupas. Já no segundo dia na nova cidade de morada estava trabalhando no ofício. Inúteis se veriam os calos que a vida lhe dera, até porque esses calos não calavam as moléstias que silenciosamente se acomodavam por dentro, entre as falanges. Centenas de vezes em uma jornada nunca com menos de doze horas – já descontado o tempo das refeições e do banho – fazia o mesmíssimo movimento, com mão esquerda espalmada sobre um tecido e os dedos indicador e médio com mais firmeza que os demais deslizando-o ao encontro da agulha da máquina de

costura. Até quando, anos depois, passou a guardar um aviãozinho na sola do pé a rotina se repetia. Não se podia supor a quantidade de vezes que a agulha em doze, treze, catorze horas golpeava tecidos diante de seu nariz. Em cada golpe, desprendiam-se e ganhavam o ar estático fibras coloridas bem miudinhas. Mais do que qualquer um dos maiores estilistas do mundo, Javier *respirava* moda. Inspirava como se o sopro do diabo lhe viesse adentro, e em seus pulmões, tão longe de casa, o algodão reencontrava o glifosato. No que expirava, nem algodão nem glifosato saía, e assim perdia para o ar estático mais um pedacinho de vazio dos dois. Desde tenra idade lhe usurpavam pouco a pouco esse vazio sem peso. No dia em que se deu conta disso, tirou um dos tênis no meio do serviço, pegou o aviãozinho de tecido surrado da palmilha, desdobrou suas asas e acrescentou à caneta: “voltar a ter o peito leve” (nem que só fosse metaforicamente). Dobrou novamente o aviãozinho e pisou nele por dentro do tênis para continuar trabalhando.

Mais tarde, na cama, depois de ter repetido movimentos manuais o suficiente para deixar pronta uma centena de camisetas, tirou de dentro de um pé de calçado o aviãozinho e o acomodou na mão cerrada junto ao peito para poder dormir. Quando caiu no sono, sonhou que ia vestindo cada uma dessas cento e tantas camisetas costuradas no dia, uma por cima da outra, e logo outra, e outra, e mais outra, repetidamente. Toda noite, religiosamente, era assim: cada peça de roupa que passava igualzinho à anterior e à seguinte pela agulha de sua máquina desde o instante em que chegavam à oficina os raios mais matutinos de sol (que ele não via) reaparecia no inconsciente de Javier durante as horas de repouso, sobreposta em seu corpo por outra peça, e outra, e depois, outra.

Após despertar de um desses sonhos num domingo, resolveu aproveitar a folga para fazer compras no brechó de sua prima, em um bairro que, apesar de próximo, se localizava já nos limites de São Paulo. Em um dos baciões de roupas montados na calçada, reconheceu, por acaso, uma calça que, menos de um ano atrás, fora produzida em sua oficina. Eram inconfundíveis o verde-pasto do tecido, o formato dos bolsos traseiros em “u”, com três linhas cosidas se cruzando ao centro, e os detalhes do acabamento da barra em galoneira. Lembrou-se direitinho do quanto lhes valeu a peça quando veio a suas mãos para ganhar costura. Por dez, doze vezes mais teria sido vendida ao sair de seu alcance, no *shopping center* para onde a levaram depois de pronta. No momento em que as mãos de Javier voltaram a tocá-la naquele brechó, desemaranhando-a de outras roupas jogadas no bacião, a calça valia de novo dez, doze vezes menos. Pensou se isso não dizia algo sobre si mesmo. Chegou a olhar instintivamente para suas mãos, buscando encontrar nelas

alguma explicação, quiçá as digitais daquele que lhe encheu com sopros os pulmões de glifosato lá no Paraguai. Por óbvio, não achou nada. Antes de ir embora da loja, deixou um punhado de moedas sobre o balcão de vendas. Na caminhada de regresso à casa ocupavam sua cabeça o valor da peça no *shopping* e as contas de quantas roupas teria que costurar para poder não andar pelado caso não tivesse acesso aos despojos de seu próprio trabalho. De qualquer forma, a calça que comprara vestiria no sonho de logo mais e só.

Na segunda-feira a rotina era outra vez retomada. Punha o aviãozinho no pé às cinco e meia da manhã e retirava-o de lá perto das dez da noite. No meio-tempo, os dedos da mão esquerda – o indicador e o médio com mais firmeza – deslizavam tecidos contra a agulha da máquina, deslizavam tecidos contra a agulha, deslizavam tecidos, deslizavam, deslizavam, deslizavam... E era assim na terça, na quarta, na quinta... e também em uma semana, e na outra, e na outra... e em um mês, e no outro, e no outro... e em um ano, e no outro, e no outro. Até que, voltando a ser uma segunda-feira, a repetição parou. Faltavam duas horas para a meia-noite. Fazia um frio inconcebível para um verão. De pé ao lado da porta de entrada do sobrado aberta, Javier começou a se desnudar. Tirou toda a roupa que vestia, amontoando do seu lado uma pilha de milhares e milhares de peças. E saiu caminhando sem rumo na noite. Vagar bem que podia se confundir com libertar-se. No entanto, vagou apenas qual vagaria sua cadeira de ofício tão logo não voltasse a trabalhar.

Na rua, nu, trazia consigo não mais do que o aviãozinho na mão direita cerrada. Em um par de horas, ouviu o saudoso barulho de aeronaves, uma depois da outra, rasgando o escuro céu de lado a lado como se fosse um pedaço de pano esticado sem rugas. Na oficina, um tecido assim, completamente roto, já não teria utilidade. O céu, naquela noite, também não. Trapos imensos caíam sobre a cabeça, mas tão finos que pareciam nem existir. Não serviam sequer para se abrigar do frio. Para tanto, Javier preferiu o tecido preenchido de sonhos escritos, embora igualmente fino. Abriu a mão direita e começou a desdobrá-lo. E o foi desdobrando, desdobrando, desdobrando, até ter a extensão necessária para cobrir o corpo de um homem de um metro e oitenta, ainda que sobrasse o suficiente para remendar todo o céu desgarrado, sem se romper. Recostou-se, então, no muro de uma rua vazia e sem vigília e puxou a coberta improvisada até os cabelos.

Na manhã seguinte, enquanto nas adjacências se cobria o corpo gélido de um homem totalmente desnudo estirado na calçada com uma manta de alumínio da cabeça aos pés, os três funcionários da oficina despertavam para mais um dia de trabalho. Não encontraram o chefe quando adentraram o cômodo das máquinas de costura, apenas sobre a mesa uma pilha de um tecido

longo e marcado por completo com uma infinidade de dizeres: “conhecer o mar”, “aprender a tocar harpa”, “ter uma casa com horta”, “voar”, “voltar a ter o peito leve”. Não sabiam quem a teria deixado ali, mas como poucas vezes tinham clareza sobre esse tipo de coisa, logo atribuíram o fato àquela que convencionaram chamar de “mão invisível” (do diabo?). E deve ter sido mesmo essa “mão invisível”, que havia muito fazia de bolso a seus dedos aquela oficina. Junto à pilha de tecido longo e cheio de escritos constava um bilhete: “corte para *Greenlife Wear*”. Grife sul-coreana. Era a primeira vez que chegavam tão longe. E os aviões, mesmo sem céu, continuaram voando.



Foto: Paulo Mortari